



Fio a fio: redes intelectuais de Gabriela Mistral no Brasil

Nadia Ayelén Medail¹

Doutoranda em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana (USP)

 <https://orcid.org/0000-0002-7841-4073>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 02 de março de 2025

RESUMO

A estada de Gabriela Mistral no Brasil (1940-1945) é um período pouco explorado na crítica literária. Durante esse tempo, a escritora chilena atuou como Cônsul do Chile em Petrópolis, formando redes intelectuais com escritores brasileiros. Mistral, inserida no contexto latino-americano, utilizou essas redes para promover seu projeto de integração continental, com ênfase na tradução e circulação literária. Este estudo parte do conceito de redes intelectuais proposto por Devés Valdés (2007) e da crítica literária feminista, ou ginocrítica, de Elaine Showalter (1977) para refletir sobre a invisibilização das mulheres na tradição intelectual latino-americana, a partir da análise de ensaios e cartas de Mistral. Esses documentos revelam as dinâmicas patriarcais que permeavam o campo literário da época, tanto no Brasil quanto na América Latina, permitindo compreender as estratégias adotadas por Mistral para se aproximar de figuras literárias brasileiras proeminentes. O estudo destaca o papel da autora na construção de laços intelectuais e culturais entre os

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo (PPGLELEHA-USP). Mestra em Ciências pelo Programa de Integração Latino-americana da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP). Licenciada em Letras pela universidade Paulista (UNIP) e em História pelo Instituto Superior del Profesorado Dr. Joaquín V. González (ISP-JVG) em Buenos Aires, Argentina. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: ayelenmedail@usp.br.



países da região e ilustra como as relações de gênero influenciaram sua inserção e atuação nos sistemas literários brasileiro e hispano-americano.

PALAVRAS-CHAVE

Gabriela Mistral; redes intelectuais; teoria de gênero; integração latino-americana.

Introdução

Gabriela Mistral nasceu, em 1889, numa região rural do Chile, no Vale do Elqui. Inicialmente, aprendeu a ler e escrever em casa, com sua irmã mais velha, que era professora rural. Frequentou a escola por pouquíssimos anos e se formou de maneira autodidata. Ainda adolescente começou a lecionar na educação básica e a escrever poemas, contos e artigos para os jornais e revistas locais. Desde esses primeiros passos no âmbito intelectual e literário, Gabriela construiu redes de sociabilidade com importantes escritores da época. Um deles é o reconhecido poeta nicaraguense, Ruben Darío, que publicou poemas dela na revista *Elegancias*, editada na França. A prática de estabelecer contato com escritores e intelectuais consagrados será uma constante em sua vida. Nesse quesito, o recorte de gênero (ou feminista) elucida dois mecanismos, o primeiro é a busca pelo reconhecimento masculino, sabemos que, na época, as mulheres não contavam com espaço dentro do sistema literário e intelectual; 2) além de estabelecer contatos com esses homens, Gabriela buscou sempre traçar redes com mulheres. Ana



Pizarro (2004) chama essa prática de *Invisible college*,² uma espécie de subsistema literário à margem do masculino, de alcance continental, em que as mulheres escritoras trocavam não só correspondência, mas também manuscritos e contatos.

Essa rede de contatos permite que Gabriela publique seu primeiro livro, em 1922, *Desolación*, organizado por Federico de Onís e publicado pelo Instituto Hispanista da Universidade de Nova York. Seu segundo livro, *Ternura*, que inicialmente fazia parte de seu primeiro livro, foi publicado na Espanha, em 1924. O terceiro, *Tala*, na Argentina, em 1938, pelo editorial Sur, dirigido pela sua amiga Victória Ocampo. E seu último livro, *Lagar*, foi o único lançado em seu Chile natal, quando a poeta já tinha sido galardoada com o prêmio Nobel de literatura, em 1945. Assim, Gabriela recebe a feliz notícia estando aqui, no Brasil.

Gabriela saiu do Chile em 1922 e nunca mais regressou. Foi para o México, convidada pelo Ministro Vasconcelos para empreender a campanha de alfabetização pós-revolucionária. Logo viajou para os Estados Unidos, onde ministrou palestras sobre literatura hispano-americana, e foi convidada pela Sociedade das Nações para representar a América Latina na França. Depois ingressou na carreira consular, passando pela Itália, Espanha, Portugal e América, quando veio para o Brasil em 1940.

A vida de Mistral foi itinerante, ela mesma se chamava de vagabunda, no sentido hispânico do termo. E, apesar de residir longos períodos em cidades do mundo, ela nunca

² PIZARRO, Ana. El 'invisible college'. Mujeres escritoras en la primera mitad del siglo XX. In: _____ (Org.). *El sur y los trópicos, ensayos de cultura latinoamericana*. Alicante: Editorial Universidad de Alicante, 2004. p. 163-176.



se considerou migrante, mas sim estrangeira. Uma condição que atravessa todo seu pensamento e sua poesia, e a impele a estabelecer novas redes de sociabilidade em cada lugar onde residia.

Durante a pesquisa, foram consultados o arquivo Acervo dos Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pela relação íntima de Mistral com Henriqueta Lisboa, o arquivo Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, cidade que ela frequentava devido à proximidade de Petrópolis e também ao lugar central que esta ocupava (e ocupa) no sistema literário; também o arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), que alberga o acervo de Mário de Andrade, figura central do Modernismo Brasileiro. E, é claro, o arquivo de Gabriela Mistral, disponível no Archivo del Escritor, completamente catalogado e digitalizado pela Biblioteca Nacional do Chile.

A vida e pensamento de Mistral vem atraindo pesquisadores do mundo que se encontram trabalhando com seu arquivo, cujo resultado são livros que compilam, a modo de antologia de ensaios políticos, manuscritos inéditos da chilena, porém sem fazer analisá-los. Foram consultadas algumas dessas obras, e assim será informado quando preciso.

Finalmente, para conhecer e analisar o período brasileiro, centro a pesquisa em duas questões. A primeira, está relacionada ao pensamento latino-americanista de Mistral que, no Brasil, adquire um novo sentido, mais abrangente e integrador, onde a questão da língua ocupa um lugar central. A segunda, diz respeito às redes que Mistral construiu



aqui, que também serviram para seu projeto integrador. Vou me ocupar, em particular, de um quarteto de escritores, formado por Mário de Andrade, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa e ela mesma.

O nó dessa rede foi Cecília Meireles, que articulou os contatos com Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa, com os que Mistral dialogou sobre a situação cultural latino-americana, a integração regional e a literatura. O vínculo entre eles pode ser interpretado à luz do conceito de rede de intelectuais, desenvolvido por Devés Valdés, que define essa rede como um:

conjunto de personas ocupadas en los quehaceres del intelecto que se contactan, se conocen, intercambian trabajos, se escriben, elaboran proyectos comunes, mejoran los canales de comunicación y, sobre todo, establecen lazos de confianza recíproca.³

Mistral ensaísta e intelectual latino-americana

Considero como ponto de partida à teoria crítica feminista, ou ginocrítica, desenvolvida por Elaine Showalter⁴, que formula que, entre outros assuntos, a trajetória da carreira literária feminina individual (e/ou grupal), é de especial interesse para desvencilhar às mulheres da crítica patriarcal. Nesse sentido, o percurso itinerante de Mistral acaba por interferir na construção de seu pensamento intelectual, sendo possível

³ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina*. IDEA. Universidad de Santiago de Chile: Santiago de Chile, 2007, p.22.

⁴ SHOWALTER, Elaine. *A Literature of Their Own: British Women Novelists From Brontë to Lessing*. Princeton, N.J. Princeton University Press, 1977.



identificar três momentos: o regional, entre 1906, ano de seu primeiro ensaio publicado⁵, e 1922, quando vai para o México. O segundo momento vai de 1922 a 1933, anos durante os quais transitou principalmente pelo continente americano e pela Europa como representante da América Latina. No último período, de 1934 até seu falecimento em 1957, seu pensamento atingiu um nível mundial, devido a seu trabalho consular e ao Prêmio Nobel, de 1945.

Os primeiros ensaios mistralianos acerca das problemáticas latino-americanas eram de teor imitativo, identificável pelo tom crítico e panfletário e com um estilo muito próximo de José Martí, por exemplo, citado inclusive por ela como uma de suas principais referências. Esse movimento, ou fase de imitação, segundo o pensamento de Showalter (1977, p. 13), é compartilhado por muitas escritoras. Já respeito à temática, na primeira fase, Mistral estava quase voltada por completo para o Chile e versava principalmente sobre a educação nacional, como a alfabetização de trabalhadores e trabalhadoras e a instrução e emancipação das mulheres. Vale destacar que Mistral foi docente em quase todas as regiões do país, desde o gélido sul até o norte da mineração.

Na segunda fase, Gabriela amplia seu repertório em nível continental e começa a mostrar uma voz mais autêntica, quanto ao seu estilo, e traz a novidade de uma enunciação feminina. Sempre preocupada com seu mulherio, como ela gostava de chamar o coletivo de mulheres, que ficou praticamente à margem das ponderações masculinas do momento.

⁵ Entendo os artigos jornalísticos como ensaios, visto que neles, Mistral expõe não apenas sua opinião, mas também intervêm nos debates da época, da mesma forma que os intelectuais homens que conformam o cânone ensaístico latino-americano.



A partir da experiência mexicana, a questão indigenista se torna mais uma constante em seu pensamento, e chega a estabelecer verdadeiros diálogos com Vasconcelos e Mariátegui. O anti-imperialismo também ganha força, se alinhando mais uma vez com os colegas ensaístas homens. O convívio com os Estados Unidos, lembrando que ela lecionou e residiu no país, lhe permitiu conhecer de perto os propósitos imperialistas.

A última fase está marcada pela sua militância latino-americanista no mundo. Há um desprendimento da Espanha (chega a se desentender com o editor de seu primeiro livro, o hispanista Federico de Onís), e uma difusão insistente, que beira a reivindicação, da cultura da América Latina. A sua experiência no Brasil, faz com que sua noção de América Latina cobre realmente seu sentido estrito, constata que hispano-América tem com o Brasil uma história em comum, compartilha muitos aspectos culturais e, daí é que surge a questão da língua como um empecilho que precisa ser superado.

O caso brasileiro: tecer redes para a integração

Um dos primeiros movimentos do projeto de integração regional foi a divulgação da literatura em um sentido de mão dupla, isto é, divulga a literatura em língua espanhola no Brasil e na América Hispânica, a literatura brasileira. Embora tenha se centrado mais na literatura chilena, talvez porque a questão institucional (trabalhar para o consulado chileno) ganhou um peso maior, Mistral acreditava que o continente deveria ser irmanado



através das letras e da cultura. Em um ensaio inédito escrito entre 1940-1941⁶, como resposta a uma entrevista da revista *Directrices*, Gabriela comenta que os hispano-americanos estão enganados ao pensar que a língua mais próxima é o italiano e que compreendem o português sem necessidade de estudos. Para ela, com uma cátedra livre e gratuita que ensine o português em cada grande cidade hispano-americana se acabaria com o preconceito. Também comenta que a literatura, principalmente os gêneros poesia, ensaio e livros de história, deveria ser traduzida com incentivo estatal para que as editoras não precisem correr riscos. No entanto, para as editoras que possam arcar com os custos, a chilena comenta que deveriam correr o risco. Também podem ser incentivadas, desde os Estados, conferências de intelectuais e artistas dos países da língua irmã para poder fazer circular, justamente, a produção intelectual e artística.

Gabriela não menciona nesse ensaio o fato de as conferências serem ministradas na língua materna do palestrante, por tanto se apresentam duas opções: ou ela realmente não pensou nisso, ou ela acreditava que oralmente as línguas eram mais inteligíveis. Nesse sentido, uma carta de Cecília Meireles traz uma posição diferente, porém complementar. Em tom brincalhão numa carta de 26 de julho de 1943, Meireles disse:

Vou procurar um chileno para traduzir. Na minha opinião, aliás os sulamericanos deviam ser publicados no original. Por que fazer este crime de metê-los noutra pele, quando nós todos entendemos tão facilmente o espanhol, e com a prática de lê-lo ainda o viríamos a entender melhor? por que você não explica isso às gentes com quem trabalha? Seu prestígio de rainha quechua está muito consolidado, digam o que digam os 'criollos'. V poderia mesmo decretar

⁶ Texto disponível em: MISTRAL, Gabriela. *Por la humanidad futura*. Antología política de Gabriela Mistral. Diego del Pozo (Org.). Santiago: La Pollera Ediciones, 2015, p. 134.



aos seus vassallos: ‘queda establecido que en la cosa literaria cada uno escribe como habla, e así se publica, consideradas todas las traducciones, aún las de la sra CM, como exóticas, nocivas al bienestar de los pueblos y al sentido común. etc, para que se cumpla, y que se no lo cumplen sean llevados los traidores a un campo de concentración prusiano, etc.’⁷

Gabriela acreditava que a distância linguística no continente vinha de um antigo divórcio no velho continente. “Dos culturas: Brasil y América”, é um ensaio publicado no Brasil em 1945 com motivo da celebração dos primeiros anos do Instituto Brasil-Chile, cuja edição encontramos na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da USP. De acordo com o texto, a única forma de acabar com essa separação é, para Mistral, através de uma empreitada institucional, pois considera que o continente está unido por natureza. Para isso, Mistral utiliza uma metáfora também naturalista: o espanhol e o português são dois galhos da mesma árvore, cujo “[...] tronco es uno, la savia es una, la especie y el género también [...]”⁸.

Nesse sentido, é constatável que a questão institucional em Mistral é expressamente importante. Porém, o consulado não lhe garantia nem um salário confortável, nem todas as possibilidades que ela pensou. Por isso Mistral colaborou com jornais locais e, em muitos casos, aceitou fazê-lo sem remuneração. Em uma carta de 30 de maio de 1944, Cecília gerenciava uma colaboração de Mistral no jornal *A manhã*, fazendo de interlocutora entre ela e o chefe da redação, Ricardo Cassiano: “Conversei com

⁷ Carta de Cecília Meireles a Gabriela Mistral, 26 julho 1944. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147619.html>. Acesso em: 13 dez. 2024.

⁸ MISTRAL, Gabriela. Dos culturas: Brasil y América. In: *Mistral y el Brasil*. Santiago, Cadernos Brasileiros, n.12, 1963.



Cassiano sobre a tua colaboração. Não é obrigatório que o assunto seja crítica ou informação literária. Deve, porém, ser semanal”⁹. De acordo com outra carta anterior, de 23 de maio de 1944¹⁰, a colaboração foi uma solicitação de Cassiano que, sabendo da amizade de elas duas, solicitou a CM que influenciasse em GM para essa colaboração. Na carta Meireles fala da situação “provisória” de Cassiano, que estava buscando colaboradores para manter o nível alto do jornal e por isso queria contar com a colaboração de GM. Mas Cecília, era antes amiga, e esclarece que esse convite não tem que ser considerado uma obrigação “acho que a amizade não deve ser um constrangimento”¹¹.

A figura e renome de Mistral era importante para a imprensa brasileira da época. Mas esse prestígio começou a se gestar antes dela residir no país. Em 1937, GM visitou São Paulo e conheceu Mário de Andrade. Ela já era amiga de Cecília Meireles – as duas poetisas se conheceram em 1925 durante uma viagem de passagem rumo ao Sul – que articulou o encontro entre eles, como se constata na carta enviada por Meireles ao reconhecido escritor, em novembro de 1937

deve ter chegado ontem à noite, a São Paulo, a grande poetisa chilena Gabriela Mistral. Ela é uma poetisa deveras notável, não pelo que mais se conhece e celebra – o *Desolación*, que já conta seus 15 anos – mas pelos belíssimos inéditos que, neste momento, já são quase livro.

Entre as pessoas que lhe recomendei visitar em S. Paulo, figura você logo na primeira linha. Creio que vocês se entenderiam bem. Ela gosta de conversar literatura, teologia, indianismo (é uma espécie de missionária lírica...), e outras

⁹ Carta de Cecília Meireles a Gabriela Mistral, 30 maio 1943. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147597.html> Acesso em: 13 dez. 2024.

¹⁰ Carta de Cecília Meireles a Gabriela Mistral, 23 maio 1943. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147594.html>. Acesso em: 13 dez. 2024.

¹¹ *Ibidem*.



coisas que você logo perceberá. Não se deixe levar pela primeira impressão: procure compreendê-la com paciência e carinho. Ela é bastante surpreendente. Ademais, é uma grande amiga das crianças – ficará encantada com os Parques. Poetisa, professora, cônsul, representante do Chile na S.D.N. e mulher de um [generoso] coração já bem sofrido, creio ser para você agradável conhecê-la (Meireles, Cecilia *apud* Matos, 2016, p. 202)

O encontro foi consumado e a troca continuou através de correspondências. Na dissertação de mestrado de Regiane Matos (2016, p. 201-206), é possível acessar de maneira remota ao total de 7 correspondências enviadas por Mistral ao escritor brasileiro. Além de cartas, Mistral enviou-lhe cartões postais e sugestões de leituras, em troca recebeu outras sugestões, além de dicas de música folclórica. A amizade entre eles, nas vésperas do Prêmio Nobel de Literatura¹², rendeu um artigo de MA publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1940¹³. O artigo de Mário, efetivamente, abriu portas importantes no panorama literário brasileiro da época, da mesma forma que a publicação na revista de Dario abriu as portas para a América Hispânica e o mundo.

¹² Entre 1940 e 1943, não houve premiações devido à Segunda Guerra Mundial, porém, a candidatura de Mistral já era um fato, como se pode constatar em seu diário íntimo (Mistral, 2002) e em matérias de jornais cariocas do ano 1940. Por exemplo, no jornal *A Noite*, do dia 26 de janeiro de 1940, disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/348970_04/525. Acesso em: 16 dez. 2024.

¹³ ANDRADE, Mário de. “Gabriela Mistral”. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 mar. 1940. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147798.html>. Acesso em: 02 dez. 2024. No artigo, Mário de Andrade escreve que conheceu a poeta em 1927, no entanto esse ano a chilena não veio para o Brasil, sendo 1925 a data de sua primeira visita e 1937 o ano da segunda visita e, bem provavelmente, a data a que se refere o escritor. Carlos Decap (Mistral, 2022) também comenta sobre essa confusão de datas.



É interessante resgatar alguns trechos do artigo de MA para compreender a forma como GM foi apresentada por uns dois mais importantes escritores do Brasil na época.

Andrade diz ter sido cativado pela impronta da chilena

emanava della (sic), de seus gestos, dos seus assumptos (sic), uma experiencia misteriosa (sic), muito mais velha que ella (sic), que parecia transcender à sua própria existencia (sic). Vinha-nos della (sic) um som antigo [...] Ella me dava a impressão de uma força das antigas civilizações (sic) asiáticas ou americanas...¹⁴

Como Cecília havia previsto, os temas abordados cativaram Mário de Andrade. No entanto, o que chama atenção é a maneira como ele caracteriza a experiência da poeta. Ao atribuir-lhe a qualidade de “misteriosa”, Andrade revela o enigma que a figura de Mistral suscitava, especialmente devido ao pouco conhecimento sobre sua vida pessoal. Isso se torna mais significativo quando, ao final do artigo, ele afirma nunca ter encontrado uma mulher intelectual do tipo de Mistral: “Em quase todas as mulheres que tomam a forma de “itellectuaes” (sic) sempre alguma coisa me desagradava, algum abuso de si mesmas, algum excesso, algum esquecimento”¹⁵. Esse comentário é curioso, pois parece contradizer o que ele expressa nas cartas que envia a escritoras¹⁶, nas quais deposita

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Na correspondência entre MA e HL, por exemplo, o poeta paulistano agradece a opinião de HL sobre o artigo sobre o *Movimento modernista* “Muito obrigado por sua carta sobre o *Movimento modernista*. Não me consola do que eu não fiz; não poderia disfarçar a indecisão interrogativa em que estou do que ainda possa fazer. Mas é o seu carinho que me vem, seu coração compreensivo, seus ombros piedosos que impiedosamente escolhi para descansar. Henriqueta boa que procura animar o menino poeta. E anima”. SOUZA, Eneida Maria de (Org.) *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*. São Paulo: Peirópolis; Edusp, 2010, p. 229.



confiança em seu julgamento, tanto poético quanto de vida. Sob a ótica dos estudos feministas, é possível interpretar essa contradição como uma afirmação da virilidade de Mário, já que, ao contrário de sua postura íntima com as mulheres amigas, no espaço público ele escolhe manifestar seu desagrado, expressando desconfiança e, assim, inferiorizando as mulheres intelectuais.

Kate Millet¹⁷, ao analisar as dinâmicas de poder que sustentam o patriarcado, observa que o mito da superioridade masculina é mantido por um consenso geral, que envolve tanto homens quanto mulheres, e que se baseia no controle sexual, refletindo-se em diversas esferas políticas, sociais e econômicas. Quando Mário de Andrade descreve as mulheres intelectuais como excessivas e abusadas, ele coloca os homens intelectuais em um extremo oposto, associando-os à moderação e ao critério, como ele próprio se vê. Esse fato pode ser entendido, à luz de pesquisas recentes (Vergara, 2015, p. 99), como uma afirmação de sua masculinidade, visto que ele era alvo de chacota por parte de outros escritores do mesmo movimento. Talvez isso fez com que ele se aferrasse tanto a suas amigas mulheres.

Mário também compartilha com Gabriela, além de Cecília Meireles, uma forte amizade com Henriqueta Lisboa. No entanto, a amizade travada entre a chilena e a mineira era mais sóbria que a relação com a poeta carioca, talvez pelo senso de humor desta última, sem deixar de ser afetuosa e respeitosa. A partir da correspondência de Mistral analisada

¹⁷ MILLETT, Kate. *Política sexual*. Pernambuco: Titivillus, 2018.



por Pizarro¹⁸, podemos até conjecturar que o laço entre HL e GM era ainda mais íntimo que com Cecília. Uma dessas evidências é uma carta enviada por Mistral para quatro pessoas de seu círculo, entre as que se encontrava Henriqueta, quando seu filho¹⁹, Juan Miguel, comete suicídio em 1943, em Petrópolis (Pizarro, 2005, p. 44). Em 1945, veio a falecer Mário de Andrade, e Gabriela não deixou de escrever uma cálida e afetuosa carta a sua amiga mineira expressando suas condolências e colocando sua experiência com o episódio do filho, que foi respondida da seguinte maneira por HL: “As palavras entre nós são apenas sinal de que ainda vivemos num mundo em que existem palavras, num mundo em que não temos o direito de desdenhá-las porque são elas o princípio de conhecimento mútuo, são elas a antecipação dos encontros espirituais.”²⁰. Nessas linhas, é nítido o carinho e a intimidade entre as duas poetisas, porém a amizade entre elas também se deu no âmbito profissional.

Lisboa foi uma das primeiras tradutoras da obra de Mistral (a diferença dos poemas mistralianos que Meireles comenta estar traduzindo, os de HL foram publicados). As cartas também documentam o trabalho de tradução de Lisboa, dúvidas, sugestões, adiantamentos, são alguns dos assuntos de tradução que acabam por tornar as

¹⁸ PIZARRO, Ana. *El proyecto de Lucila*. Santiago de Chile: LOM ediciones: Embajada de Brasil en Chile, 2005.

¹⁹ Apesar de ela se referir a Juan Miguel, ou Yin-Yin, como seu sobrinho, filho de seu meio-irmão e criado por ela desde os três anos, Doris Dana, grande amiga da última década de vida de Mistral, comentou em entrevista que Gabriela teria confessado ser seu filho biológico, fruto de uma aventura de sua juventude na Europa. (AQUEA, 2002).

²⁰ Carta de Henriqueta Lisboa a Gabriela Mistral, 7 abril 1945. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147253.html>. Acesso em: 13 dez. 2024.



correspondências em um verdadeiro laboratório de tradução e de trabalho com o texto literário. Gabriela é grata a HL pelas traduções “su traducción me honra y me salva dentro de esta lengua”²¹, comenta em uma dessas cartas, datada de 1943, aproximadamente. No entanto, a poesia de Mistral só será publicada em livro no Brasil em 1971 (Editora Opera Mundi), muito depois do reconhecimento indiscutível alcançado com o Prêmio Nobel, sob tradução de Lisboa.

Por sua vez, Henriqueta Lisboa também traduziu outras poetisas hispano-americanas, como Delmira Agustini, considerada “a maior de todas” por Gabriela Mistral, e até Alfonsina Storni. Há uma identificação muito grande entre as duas amigas, não apenas pelas afinidades religiosas (tanto Mário de Andrade, quanto Lisboa e Mistral são católicos praticantes), mas também pelas semelhanças no gosto poético “El Continente Sur carece, así, nada menos, carece de literatura infantil. Nosotras dos tenemos en el género, ni abuelos, siquiera, ni padres.”²² e pela profissão docente. Lisboa recorria a Mistral cada vez que precisava aprofundar seus conhecimentos sobre a língua e literatura espanhola e hispano-americana, além de aproveitar para solicitar que a chilena facilitasse contatos para ela publicar sua obra fora do Brasil.

Em uma carta de 20 de junho de 1944, HL solicita a GM o contato de alguma editora chilena que possa vir a se interessar pelo seu livro *O menino poeta*, o contato de Alfonso Reyes e de Vitória Ocampo: “Eu lhe pediria um cartãozinho com os endereços

²¹ Carta de Gabriela Mistral a Henriqueta Lisboa, s/l, s/d. Acervo do Arquivo de Escritores Mineiros.

²² LISBOA, Henriqueta. *Obra completa*. Reinaldo Marques e Wander Melo Miranda (Orgs.). Volume 2. São Paulo: Editora Peirópolis, 2020, p.309.



de Waldo Frank, Alfonso Reyes e Vitória (sic) Ocampo. E também o de alguma instituição cultural chilena, a qual eu pudesse oferecer exemplares de O Menino Poeta”²³.

As redes de sociabilidade entre elas significaram possibilidades não apenas de divulgação da poesia de cada uma, mas também de integrar as literaturas do continente.

Voltando para a questão da língua, em 1940, Mistral lê “Los negocios del idioma” na Casa Rui Barbosa, no RJ – depois publicado sob o título “Dos culturas: Brasil y América”, já citado – com motivo de uma homenagem à poeta chilena por parte da Federação de Academias de Letras do Brasil e da Associação de Escritores e Artistas Americanos. O ensaio não economiza verbos de elogios às letras brasileiras, trata também do divórcio idiomático, das aptidões de cada língua – para o espanhol, a prosa, para o português, o verso –, e volta a trazer à tona a importância das mulheres

Quiero recordar en esta ocasión propicia a las muchas mujeres que en Brasil dan el verso y hacen prosa, y a quienes atribuyo una buena parte de la honra que recibo en este día. Si ellas, una por una, no hubiesen probado ya con obras de durar la validez literaria de la mujer, ganando la promoción para si mismas y las forasteras, yo no estaría aquí.²⁴

A lucidez de Mistral à hora de divulgar e compreender a importância da tradição literária feminina é deslumbrante nesse trecho, uma atitude que a poeta tomou desde seus inícios e que sistematiza estando no México, quando escreve e edita *Lecturas para mujeres* [Leituras para mulheres] (1923) no intuito de gerar “la formación de una literatura

²³ Carta de Henriqueta Lisboa a Gabriela Mistral, 20 junho 1944. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147248.html>. Acesso em: 13 dez. 2024.

²⁴ MISTRAL, Gabriela. *Escritos en Brasil: prosa y cartas*. Carlos Decap (Org.). Santiago de Chile: FCE: Ediciones UFRO University Press, 2022, p.42.



femenina seria”²⁵. Vemos que o interesse pela questão das mulheres também é central no projeto intelectual da chilena, segundo Cormick (2022, p. 116)²⁶, trata-se de um relato feminista que busca revisar a história, a cultura e a literatura latino-americana a partir da experiência, o olhar e a sensibilidade feminina.

Por outro lado, a questão das mulheres também se entrelaça com o projeto de integração regional através da literatura, pois este também se contorna a partir da troca de contatos que renderam bons frutos, como o caso de Victoria Ocampo, amiga íntima da chilena, que publicou um número inteiramente dedicado à literatura brasileira na revista *Sur* (n. 6, 1942). Outra forma de delinear o projeto de integração latino-americana em chave ginocrítica é a partir de entrevistas. Salientamos a concedida a Solena Benevides Vianna, publicada no suplemento *Pensamento da América*, do *Jornal A Manhã*, em 26 de agosto de 1945²⁷, em que Mistral se debruça na literatura feminina do Brasil, estabelecendo tradições e comparações continentais que permitem pensarmos à chilena e suas trocas no Brasil em chave feminista. Além disso, na mesma entrevista a poeta dedica um parágrafo exclusivo ao Modernismo Brasileiro – movimento do qual Mário de Andrade foi um dos principais mentores – lhe outorgando um lugar central na região e

²⁵ MISTRAL, Gabriela. *Lectura para mujeres*. Chile: Planeta, 2018, p. 9.

²⁶ CORMICK, Silvina. “Gabriela Mistral: Construcción de su figura intelectual como voz y conciencia de América” In: _____. (Ed.). *Mujeres intelectuales en América Latina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: SB, 2022.

²⁷ BENEVIDES VIANNA, Solena. O panorama literário feminino no Brasil visto por Gabriela Mistral. *Jornal A manhã*, *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1945, p. 99. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-148732.html>. Acesso em: 10 dez. 2024.



elogiando-o por cima do movimento homônimo (porém distinto) hispano-americano, ao qual ela se filiou nos primeiros anos de sua carreira.

Consideramos que esse gesto se trata de uma autorrepresentação na busca da legitimidade dentro do panorama brasileiro, pois, como adverte Molloy²⁸, a mulher escritora latino-americana encontrava-se diante de uma antinomia, por um lado carecia de autoridade como mulher e, por outro, a escrita lhe conferia uma aceitação e poder público como intelectual.

Considerações finais

Tecer redes foi uma estratégia de Gabriela Mistral desde o início de sua carreira literária e intelectual. Foi graças a esses contatos que a chilena alcançou reconhecimento nacional e internacional, por tanto nunca abandonou a prática.

No Brasil, a rede de contatos pode ser entendida em duas frentes: por um lado, a afinidade pessoal e marginal em relação ao sistema literário, como no caso de Meireles e Lisboa, chegando a constituir uma verdadeira amizade para além da literatura. Por outro lado, a afinidade surge dentro do seio mesmo do sistema literário, como no caso de Mário de Andrade, na busca pelo reconhecimento de uma figura de autoridade.

Outra questão que norteou a rede de contatos foi o projeto intelectual que a chilena desenvolveu desde seus primeiros passos no ambiente letrado. Trata-se de um projeto de

²⁸ MOLLOY, Silvia. Women, Self and Writing. In: Castro-Klaren, S., Molly, S. e Sarlo, B. (Eds.). *Women's Writing in Latin America. An anthology*. Boulder: Westview Press, 1991.



integração regional, no qual a diferença linguística entre hispano-américa e o Brasil resultou em uma intensa atividade tradutória, uma convivência intensa entre ambas línguas – note-se que as cartas enviadas por Mistral estão sempre em espanhol, assim como as recebidas estão em português – e também em um esforço pela divulgação da literatura, principalmente poesia, do Brasil no continente americano, assim como da poesia hispano-americana no território brasileiro. No Brasil, os jornais cariocas serviram de veículo para essa tarefa, oferecendo lugar em suas páginas para os ensaios e artigos da chilena que noticiaram sobre suas e seus compatriotas, como Hermínia Raccagni, pianista chilena. No Chile, as páginas do El Mercurio hospedaram os textos que Mistral escreveu sobre artistas brasileiros(as), como o “Recado para Dona Carolina Nabuco”, ensaio publicado também em português na imprensa brasileira. Outros ensaios não publicados na imprensa demonstram o agudo interesse que a escritora tinha pelas letras brasileiras. A título de exemplo, constam no arquivo da BNC “Recado sobre Mário de Andrade” e “Dinah Silveira de Queiroz”, também compilados por Carlos Decap (2022, p. 76-78).

Por último, não podemos esquecer da insistência de Mistral em reconhecer seus pares mulheres. Nesse sentido, as redes no Brasil também funcionaram como estratégia para legitimar a prática literária das mulheres. Cada vez que tinha oportunidade, Mistral evocava suas colegas, demonstrando um esforço por divulgar a poesia de suas contemporâneas.



Fontes consultadas

ANDRADE, Mário de. 1940. “Gabriela Mistral”. *Jornal do Estado de São Paulo*, 17 de março de 1940. Disponível em:

<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147798.html>. Acesso em 02 dez. 2024.

AQUEA, Cherie Zalaquett. “Doris Dana, la albacea de la Mistral, rompe el silencio: ‘Me da escalofrío lo que dicen de Gabriela’”. In: *El Mercurio*, Revista El Sábado, 22 nov. 2002. Disponível em: <http://www.letras.mysite.com/gm171004.htm>. Acesso em: 16 ago. 2024.

LISBOA, Henriqueta. [Correspondência]. Destinatário: Gabriela Mistral. Belo Horizonte, jan. 1941 – nov. 1945. 18 cartas. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-propertyvalue-278257.html> Acesso em: 28 dez. 2024.

MATOS, Regiane. **Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uruguaiois, peruanos, chilenos e colombianos**: edição da correspondência. 2016. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MEIRELES, Cecília. [Correspondência]. Destinatário: Gabriela Mistral. Rio de Janeiro, antes de 1943 - 1953. 29 cartas. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147611.html> Acesso em: 20 dez. 2024.

MISTRAL, Gabriela. [Correspondência]. Destinatário: Henriqueta Lisboa. s/l, s/d. 1 carta. Acervo do Arquivo de Escritores Mineiros.

MISTRAL, Gabriela. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. In: MATOS, Regiane. **Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e**



escritores uruguaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência. 2016. Pp. 201-206.

MISTRAL, Gabriela. O panorama literário feminino no Brasil visto por Gabriela Mistral. Entrevista concedida a Solena Benevides Vianna. *Jornal A manhã*, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1945, p. 99.

VALDÉS, Adriana. “Uma leitura chilena de Cecília Meireles” In: MISTRAL, Gabriela; MEIRELES, Cecília. **Gabriela Mistral e Cecília Meireles: poemas; Ensaaios de Cecília Meireles e Adriana Valdés; poemas traduzidos por Ruth Sylvia de Miranda Salles; poemas traducidos por Patricia Tejada**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Santiago de Chile: Academia Chilena de la Lengua, 2003